

Editorial

É com alegria que inauguramos esse boletim!

A ideia de um informativo próprio e regular do CLIN-a não é do atual Conselho Diretor, ela já estava lá, há muito manifesta. Chegou o momento de colocar em movimento, abrir os poros e apostar. Então, eis aqui: Conect-a – boletim do Centro lacaniano de investigação da ansiedade.

O real da pandemia fez com que certos litorais fossem tocados, e o empuxo ao virtual alterou fronteiras das quais nos levaram a repensar um novo modo do CLIN-a se fazer presente. Significantes, não tão novos, mas com novos envelopes, nos tocam e desafiam o trabalho: “online”, “à distância”, “híbrido”. Vivemos num momento em que os sujeitos, isolados em seu gozo, com suas tecnologias à mão, muitas vezes mergulham na lógica do consumo do saber. (Des)conectados pelo Zoom, reivindicam ao direito em saber, não como Lacan propõe em *Scilicet*, “Tu podes saber”, mas como serviço prestado a um consumidor-aluno.

Sabemos o quanto Lacan criticava os que promoviam um ensino autoritário, regido pelo discurso do mestre, e que recusavam o real do sintoma. Mas não é esta a via que muitas vezes nos vemos tentados a responder e que nos convoca em diferentes momentos a repensar nossa tarefa, esta que é a psicanálise? Como não perder de vista que o real é o ponto vivo da experiência e do ensino?

Cada um está em relação com o vazio que se depara diante do trabalho de associado, colocando de si a partir de seu desejo, ao passo que não se trabalha sem o outro. Ao lado da Escola, é sempre importante lembrar, o instituto, enquanto instituição para-universitária, serve de estímulo, de agulhão, seta que incita a agir e vivificar o saber na Escola, ao mesmo tempo que insere o discurso analítico na cidade.

Nosso desafio agora, nesse momento em que a pandemia recua e vemos o retorno dos encontros dos corpos, é em como manter lado a lado aquilo que é traço, marca do instituto, sem perder o novo que nos atravessou. Como sustentar o retorno às atividades presenciais, sem desconsiderar que o virtual veio para ficar, assim como aqueles que nos procuram desde para-além do território das quatro cidades que compõem o CLIN-a? Nos cabe não apenas viabilizar o ensino que oferecemos, mas manter nossa comunicação aberta entre os associados e com o Campo freudiano.



Imagem: Instagram @contemporary_art

Este é um boletim informativo, e assim espera-se que dele se faça uso. Mas é também um provocador ao trabalho. Após amplo debate sobre o ensino e a pesquisa que desenvolvemos, o qual deve permanecer constantemente em aberto, constatou-se certo isolamento: não tínhamos notícias do que acontecia nos pequenos grupos de trabalho, de como se transmitia, do que pensavam os associados. Pois bem, vamos nos Conect-ar!

Nos últimos anos o CLIN-a soube lançar a aposta na causa e no laço. Aqui está mais uma!

Gustavo Oliveira Menezes



Imagem: Instagram @contemporary_art

Miller em seu texto “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada” diz que sempre elaboramos a partir de, sendo chamado para, suscitado por... o trabalho sempre virá, seja a partir de um apelo ou uma provocação que busca o que está ali, chamando para ser revelado e criado.

Assim, damos início ao Boletim Conect-a, do CLIN-a, uma aposta na transferência de trabalho, na causa analítica, e no desejo de cada um para responder à sua maneira singular. Este periódico foi criado para informar e provocar. Não se trata somente de dar respostas, mas instaurar um desejo de saber.

Começamos com nossa Agenda, que trará uma visão geral dos próximos acontecimentos, viabilizando assim que cada um possa escolher uma atividade que se conecte àquilo que lhe toca.

Em Aguilhões, teremos pequenos textos de associados, e esporadicamente outros, que possam instigar a argumentação e o saber exposto.

Em Pílulas do Instituto, traremos notícias do que os núcleos de pesquisa, cursos e seminário clínico estão trabalhando e suas produções.

No Radar, por sua vez, traremos o que está acontecendo na cidade, em outros campos de saber, e que possa dialogar com a psicanálise.

E finalmente, na Biblioteca, teremos informações de atividades, resenhas e novas aquisições.

Portanto, mãos à obra e boa leitura!

Paula Christina Verlangieri Caio de Carvalho

:: Agulhões

Transferência de trabalho – algumas considerações

Transferência de trabalho – penso esse ser um norte caro e orientador no ensino da psicanálise de orientação lacaniana.

As portas de entrada para a psicanálise são inúmeras e singulares, a cada um, a seu modo. Gostaria de pensar naquela entrada via Instituto de Psicanálise do Campo Freudiano, naqueles que se aproximam para estudar, investigar e iniciar suas primeiras incursões.

Nesse instituto, CLIN-a, e em sua proposta de ensino, temos um certo “menu” de escolhas. Assim, cada iniciante é convidado a fazer a sua própria escolha, sem uma sequência pré-determinada para todos. Isso convoca que cada um possa pinçar um naco do que lhe toca, um ponto da teoria que desperte e que justifique seu próprio investimento libidinal, e entrar nessa troca de saber enquanto sujeito. Portanto, aí já se dá uma torção no campo da transmissão para- universitária, e no saber “exposto” do Instituto pois ressalto o ponto que há uma troca de saber. Portanto, quem é que “ensina”?

Aquele que “ensina” coloca algo de sua posição de sujeito, o faz incluindo seu próprio furo. Isso que se precipita dessa operação, a causa que cada um demonstra nessa transmissão, e se enlaça ao outro como um desejo de saber, é a força motriz e a que causa o trabalho de outros. Miller nos elucida, em *O Banquete dos Analistas*: “(...) há um trabalho que se transfere de um sujeito ao outro. O trabalho constitui o objeto de uma transferência, cujo sentido original é passagem, deslocamento (*Übertragung* em Freud). De modo que a palavra passe, que Lacan introduziu na psicanálise para qualificar um momento de final de análise, já está presente neste sentido anterior ao término da transferência”. Estar advertido dessa indução, que tem como objeto o trabalho, e fazer valer que o saber exposto em um Instituto seja da ordem de um semblante, fazendo um bom uso dele, é uma aposta. Poder ressoar para além das identificações imaginárias, operar sem se pautar no mestre, e essa ser uma via para ocorrer a transmissão da psicanálise.

São uma aposta e um estilo de transmissão que têm como resultado a transferência de trabalho. Essa transferência enquanto uma passagem, uma construção de um trabalho pautado no desejo de saber, demonstrado por cada “ensinante”.

“Ensinante”, que transmite a psicanálise, justamente, na posição de analisante, marcado por seu próprio sintoma e por uma causa – a psicanálise. Uma transmissão de um trabalho não pautado em um “gradus”, e nem em um saber pré-estabelecido. É falar da teoria e da clínica psicanalítica, marcado por sua própria enunciação analisante. Nesse sentido,



Imagem: instagram @gavroweth

depreende-se que um “ensinante” é aquele que leva em curso o seu próprio processo de análise. Lacan, em Alocução sobre o ensino, diz: “(...) ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalisante, isto é, a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma”.

O laço sempre se dá no um a um, não com o todo, não para todos tanto na transmissão da psicanálise quanto em sua terapêutica. Quando o um a um não opera, podemos falar que a transmissão deixa de ser competente.

Através de impasses, de incompletudes, de lacunas, de querer vir a elucidar é que se pode induzir ao trabalho e a sua transferência. Cito Miller, em O Banquete dos Analistas: “(...) não se dita para o ensino da psicanálise uma finalidade de algo completo, de perfeição, de dar o exemplo de um eu sei tudo, senão um objetivo inteiramente de indução, o que significa dar lugar ao trabalho de outros. Por isso, não me incomoda apresentar-lhes coisas inconclusivas ou que variam um pouco a cada vez, nem sinalizar que há investigações pendentes, já que é uma maneira modesta de indicar que há lugar para muitos trabalhadores neste campo de voltar a recordar da finalidade indutiva do ensino da psicanálise”.

A transferência é um assunto de amor e de saber, e no ensino, deve induzir ao trabalho. Eis nosso desafio de verificação, de controle, de colocar em curso uma conversação sobre o ensino na tentativa de poder colher os efeitos dessa transmissão de trabalho. Poder garantir espaços de trocas de discussões, acolher publicações, promover jornadas de alunos, instigar a escrita, propiciar uma rede e uma circulação entre os diversos dispositivos de ensino e pesquisa fazem parte de nossas provocações ao trabalho nesse Instituto.

Os efeitos recolhidos, sempre a posteriori, são retroativos e também força motriz para mais e mais trabalho.

Enfim, que possamos nos deparar ao menos com alguns trabalhadores decididos!

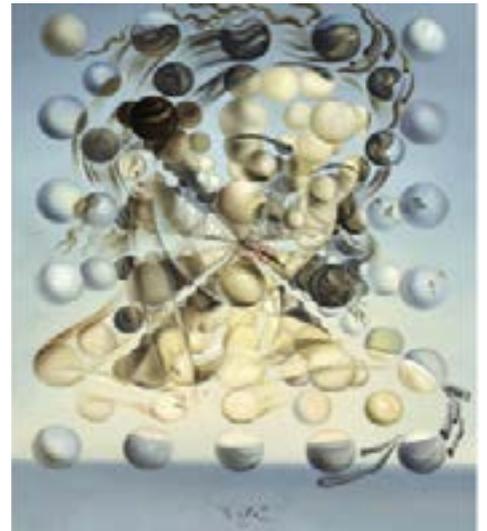
Alessandra Sartorello Pecego

Rumo à Jornada de ensino e pesquisa:

A prática da psicanálise e os semblantes contemporâneos

Lacan – ao se referir à “obra do psicanalista” que “funciona como mediadora entre o homem da preocupação e o sujeito do saber absoluto” –, conclui com uma famosa frase: “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”.

Já em 2004, a AMP discutia em Congresso A prática da psicanálise, sem standard, mas não sem princípios. Quase 20 anos depois, mais e mais semblantes nos desafiam no mundo contemporâneo. Saberes produzidos por inúmeros grupos identitários buscam poder político de reconhecimento, atenção e cuidado. As reivindicações são inúmeras. Reclama-se das estruturas discursivas e politicamente segregativas subjacentes ao patriarcado, ao colonialismo, ao racismo, à geopolítica. Nem as artes escapam da revisão crítica, tampouco a psicanálise!



Galatea das esferas, Salvador Dalí

Ainda assim, procuram por psicanalistas!

Como o analista pode, então, lidar com o dispositivo da linguagem contemporânea para “funcionar como mediador entre o homem da preocupação e o sujeito do saber absoluto”? Como escutar os aturdidos pelo atropelo excessivo da babel contemporânea, visando “que se diga fica esquecido detrás do que se diz no que se ouve”?

Heloisa Caldas

(AME membro da EBP/AMP – convidada da Jornada de ensino e pesquisa 2023)

:: Pílulas do Instituto

O ensino de Lacan – O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semelhante

Este texto tem como objetivo apresentar o que foi possível extrair de uma resenha feita para o encontro de 02/07/2022, do curso “O ensino de Lacan”, proposto pela coordenação do clin-a de Ribeirão Preto. Entre março e novembro de 2022, os participantes se debruçaram sobre o seminário 18 do psicanalista francês, capítulo a capítulo e, na ocasião, foi discutido o capítulo VI, “De uma função para não escrever”, cuja apresentação foi feita por Sílvia Sato, psicanalista, associada ao clin-a e membro da EBP/AMP. Também foi tomado o texto dos Escritos, “O seminário sobre ‘A carta roubada’”.



Imagem: Instagram @robepierregiuliani

Talvez coubesse, inicialmente, uma descrição a partir do falasser que escreve: em seu sintoma, imagina ser possível dizer tudo o que aconteceu, principalmente munido das ferramentas tecnológicas. Coloca para gravar a reunião em sua própria máquina, certo de que, caso quisesse, poderia recorrer à sua própria gravação, porém não contava que, por um equívoco, o aplicativo gravado pela ferramenta de captura foi seu próprio bloco de notas, sem qualquer imagem ou som do encontro – o que se vê, na gravação, é o que se escreve. O que se escreve “de uma função para não escrever”, como um ato falho – por que não? – risível.

Primeiramente, Sílvia explica que foi causada por dois pontos da fala de Flávia Cera, na abertura das atividades, ocorrida em março de 2022: um dos pontos sendo relacionado à ruptura que a representação da poesia provoca e outro à existência de um lugar para o impossível da escrita na própria escrita, algo de insondável, conversando diretamente com o capítulo a ser trabalhado. Ademais, também se conclui que, durante o capítulo, Lacan passa do “não escrever” para o “não ler” (ilegível).

Partindo d’O seminário sobre “A carta roubada”, pontos são marcados: um horror frente à feminização, como é possível perceber nos personagens do ministro e Dupin em relação à carta; os semblantes que podem dar lugar àquilo que não existe, sendo que as mulheres seriam mais afeitas a eles, mas também mais próximas do real, uma vez que o feminino dá lugar a algo que é indecível (e, nessa medida, seria ilegível); há algo da dimensão da escrita, já que a carta se esconde se colocando na mesa; bem como sua circulação entre os personagens faz com que eles mudem de lugar, aproximando-se da questão dos discursos propostos por Lacan – mudando-se as posições conforme a carta circula.

Dos lugares em que os personagens circulam, indica-se algo da separação entre eles: aquele que vê, aquele que vê o que o outro não vê e aquele que deixa à mostra. Assim,

parte-se para a passagem da fala ao falo, na medida em que o apoderamento da carta pode indicar um “ter o falo” ou “possuir o falo”, sendo que o “apoderar-se da carta” viriliza; enquanto “possuir a carta” feminiza. Ou seja, na relação com o falo existe uma dualidade entre a virilidade e a feminização, concluindo-se que a carta roubada, enquanto significante, no lugar de falo, ao se possuir, feminiza. A carta feminiza, porque ela fura o semblante viril. Há algo que aparece em relação ao que se pode ouvir naquilo que se diz e o que resta dos lugares teria a ver com a dimensão da letra, que faz litoral, ligando-se ao discurso, ao Outro e que é o Um que sustenta esse discurso.

Nesse sentido, algo do semblante e do falo passa pela conversação e que leva à escrita e à clínica: o que se pode dizer sobre a análise do falasser em relação ao semblante, ao se tentar dar um estatuto a esse semblante? Quando Miller fala do corpo falante, o imaginário e o simbólico do semblante estão subordinados ao real. Não é mais da primazia do simbólico e, sim, de um fazer uso do semblante – possibilidade de tocar o real. Aproximando-se da dimensão da letra, numa experiência de análise, como uma possibilidade de se tocar o real, porém a partir de um discurso, ou seja, algo que se enlaça ao Outro para caminhar a algo que é Um, incluindo a dimensão do real. Aparece, então, o falo do lado do indizível, mas que faz uma articulação com o homem em relação ao lado vergonhoso quanto ao gozo (gozo como aquilo que não convém), ou seja, ainda tomando a vergonha relacionado ao Outro. O que Lacan mostra nesta aula é algo que está além dessa lógica: pensar no falo como indizível por uma outra vertente, pelo lado feminino. Chega-se, então, ao discurso analítico, que se sustenta na impossibilidade da relação sexual. Lacan marca, no discurso, o Um – enquanto o Outro não existe. A origem desse discurso é o Um.

Retorna-se ao que é “ilegível”, um percurso também da experiência analítica, em que há um esvaziamento do significante. Lacan parece querer marcar que o ilegível tem sentido. Para isso, ele retoma que a importância do mito é de ele ser escrito, sendo uma construção em relação ao gozo sexual para tocar no impossível da mulher na relação com o Outro. O gozo sexual não pode ser escrito, ele é solidário ao semblante, sendo o falo o real desse gozo, aparecendo a articulação entre fala e falo: não é possível escrever algo desse gozo sexual que se fala e é a partir disso que se fala que é possível se tocar em algo do real do gozo sexual que é o falo.

Assim, alcança-se o corpo da mãe, no sentido de que é preciso se separar desse corpo e, nessa separação, há uma interdição – em relação ao gozo também. Para se separar do corpo da mãe, é preciso que algo seja verbalizável, abrir para um lugar da fala, do falasser: do falo que se pensa ser para a mãe, para a fala – do poder falar e tentar sair desse lugar de tentar ser o falo. Desta forma, toca-se no percurso do falo do lado da mãe à fala do lado da mulher, em que há uma dimensão da letra, A Mulher como significante que não há Outro, uma função que existe para não escrever, para ser ilegível.

:: Radar CLIN-a

Exposição Banksy

“Mãe, eu estou com medo!”. Foi a partir deste dito que iniciei minha visita à exposição *The Art of Banksy*, que acontece em São Paulo até abril. Banksy, grafiteiro britânico e mundialmente conhecido como um artista de rua, principalmente por sua técnica de estêncil, não tem sua identidade revelada até hoje. Uma de suas últimas intervenções artísticas aconteceu na Ucrânia, em meio aos escombros da recente guerra. Talvez seja este o horror na fala da criança que ouvi. Suas obras, por meio do humor ou, podemos dizer, do chiste, parecem ter duas funções: a primeira, subversiva, contra as opressões, as instituições e o poder; a segunda, fazer laço social.



“Stop and Search”, 2007. Banksy

É a produção de um discurso enquanto imagem, como na obra de 2007 “Stop and Search” de Banksy, em que podemos dizer que há um Witz, citando Lacan (1972), que virá a fixar-se na linguagem para que o laço social funcione. E, assim como Miller (2005) define a psicanálise como não revolucionária, mas subversiva, Banksy também o faz com suas obras e intervenções artísticas, não sem antes desvelar o medo, mas também o riso.

Francisco Durante

The Banshees of Inisherin (2022), filme de Martin McDonagh que estreou em fevereiro nos cinemas, se passa em um pacato vilarejo de uma ilha na Irlanda no início da década de 1920. Já não é a primeira vez que o diretor se aventura na produção de uma comédia dramática, gênero ao qual o filme pertence, cuja divisão está posta de saída. O filme, que tem um formato teatral (mesmo cenário, poucos personagens e longos diálogos), começa com uma ruptura entre dois, até então, amigos. A explicação de um dos amigos é simples e objetiva, tem efeito de corte, só que na própria carne. “Não gosto de você” pois “você é um chato”. Os diálogos parecem peças soltas, não possuem amarração, apontando para a não relação. Diante da rejeição, o amigo “chato”, cerrado em sua rigidez, não é capaz de encontrar uma solução pela via do desejo, permanecendo fixado no outro. Ambos personagens lembram o que Miller chama de a solidão do Um sozinho em seu gozo. O personagem “chato” nos provoca o riso e o incomodo, na medida que seu discurso repetitivo, caricato e infantil recobre o vazio de sua existência, não havendo espaço para a singularidade. O resto, o incompreendido, o fora de sentido ficam a cabo do espectador.

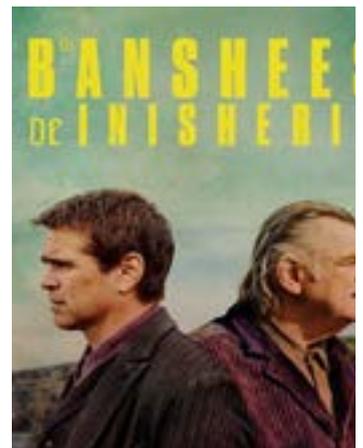


Imagem de divulgação

Fernanda Cristina Gomes de Carvalho

Agenda CLIN-a

Março e Abril de 2023

Eventos:

Conversaão entre associados sobre o ensino no CLIN-a

Sexta-feira, 10/03, das 19:00 às 22:00

Jornada de Ensino e Pesquisa

Sábado, 11/03, das 9:00 às 17:00

Núcleos de Pesquisa

Psicanálise e arte

Quintas-feiras, das 08:30 às 10:00

Datas: 9/3, 23/3, 13/4 e 27/4

Apresentação de pacientes e psicose

Sextas-feiras, das 14:00 às 15:30

Datas: 03/03, 17/03, 07/04 e 28/04

A prática lacaniana nos novos tempos e sua transmissão

Segundas-feiras, das 20:30 às 22:00

Datas: 13/03, 27/03, 10/04 e 24/04

Psicanálise, corpo e medicina

Quintas-feiras, das 12:00 às 13:30

Datas: 09/03, 23/03, 06/04 e 20/04

Psicanálise e toxicomania

Quartas-feiras, das 18:00 às 19:30

Datas: 08/03, 22/03, 12/04 e 26/04

Psicanálise com crianças e adolescentes – Ciranda/SP

Quintas-feiras, das 11:30 às 13:00

Datas: 9/03, 23/03, 13/04 e 27/04



Imagem: instagram @larchmontloop

Psicanálise com crianças e adolescentes – Ciranda/Ribeirão Preto

Sextas-feiras, das 19:00 às 22:00
Datas: 17/03, 31/03, 14/04 e 28/04

Cursos

Percurso de uma análise

Terças-feiras, das 20:30 às 22:00
Datas: 14/03, 21/03, 28/03, 04/04, 11/04, 18/04 e 25/04

Elucidação da clínica

Quintas-feiras das 20:30 às 22:00
Datas: 16/03, 23/03, 30/03, 06/04, 13/04, 20/04 e 27/04

Prática lacaniana

Sextas-feiras, das 10:00 às 12:30
Datas: 03/03, 17/03, 31/03 e 28/04

Psicanálise e psiquiatria

Sextas-feiras, das 13:30 às 15:00
Datas: 10/03, 24/03, 31/03 e 14/04

Seminário de pesquisa

Segundas-feiras, das 20:30 às 22:00, quinzenal
Início: 06/03

Ensino de Lacan

Sábados, das 09:00 às 12:00
Datas: 18/03 e 15/04

:: Biblioteca



NOVAS AQUISIÇÕES:



- Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller. “A terceira ; Teoria de la língua”; tradução Teresinha N. Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- Jacques Lacan. “Nos confins do Seminário”; tradução Teresinha N. Meirelles do Prado; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- Jacques-Alain Miller e Christiane Alberti (orgs.). “Lacan redivivus”; tradução Teresinha N. Meirelles do Prado, Vera Avellar Ribeiro, Gustavo Menezes, Camila Popadiuk. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Expediente:

Editor - Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação) - Equipe: Andressa C. Luz, Eduardo Vallejos, Fernanda Cristina Gomes de Carvalho e Francisco Durante.

Conselho Editorial: Conselho Diretor do CLIN-a